

INSTITUTO SUPERIOR ANÍSIO TEIXEIRA
LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS-INGLÊS

BEATRIZ DE ALMEIDA QUINTÃO

“Eu tenho horror a pobre!”

Uma análise das relações de humor e preconceito social no programa Sai de Baixo

SÃO GONÇALO

2021

BEATRIZ DE ALMEIDA QUINTÃO

“Eu tenho horror a pobre!”

Uma análise das relações de humor e preconceito social no programa Sai de Baixo

Projeto de monografia apresentado à
Coordenação do curso de Licenciatura em
Letras Português-Inglês do Instituto Superior
Anísio Teixeira – ISAT como requisito parcial
à conclusão do curso.

Orientadora: Prof. Ma. Emanuelle de Souza
Fonseca Souza

SÃO GONÇALO

2021

BEATRIZ DE ALMEIDA QUINTÃO

“Eu tenho horror a pobre!”

Uma análise das relações de humor e preconceito social no programa Sai de Baixo

Projeto de monografia apresentado à
Coordenação do curso de Licenciatura em
Letras Português-Inglês do Instituto Superior
Anísio Teixeira – ISAT como requisito parcial
à conclusão do curso.

Orientadora: Prof. Ma. Emanuelle de Souza
Fonseca Souza

Prof. Ma. Emanuelle de Souza Fonseca Souza

São Gonçalo, RJ, ____ de _____ de 2021

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho as pessoas que empenharam suas vidas para cuidar de mim, em todos os aspectos. À minha mãe, Maria Auxiliadora, que esteve comigo nessa jornada, mas não somente durante os quatro anos. Sou grata por tudo que fez ao longo da vida para que eu pudesse chegar a esse momento tão importante. Dedico também, e com muito carinho, ao meu pai, Jorge. Mesmo que não esteja mais neste plano, sempre acreditou em mim e se esforçou muito para que eu pudesse estudar.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família, mãe e irmãos, por não medirem esforços para que eu conseguisse estudar.

Ao meu amigo de todas as horas, Gabriel Gonçalves, por me ouvir sempre que preciso.

A minha amiga Anna Gabriela Lacerda, por compartilhar comigo todos os momentos da graduação e me fazer rir.

A minha amiga Cássia Vidal, por acompanhar o processo sempre de perto, me ajudando nas pesquisas e nas leituras, com muito apoio e dedicação.

A minha amiga Thamires Passos, pelo apoio emocional e por ter sido companheira de faculdade por três anos.

A minha orientadora e amiga pessoal, Emanuelle Fonseca, por toda extraordinária dedicação, paciência e apoio, pois não teria feito uma pesquisa de grande qualidade se não tivesse acreditado em mim. Pelo seu profissionalismo e amizade. Por nunca ter desistido de mim. Obrigada, Manu!

A todos os professores do ISAT que contribuíram na minha formação acadêmica e foram compreensíveis em momentos delicados durante a graduação.

“Seria uma atitude muito ingênua esperar que as classes dominantes desenvolvessem uma forma de educação que permitisse às classes dominadas perceberem as injustiças sociais de forma crítica.”

– Paulo Freire.

RESUMO

O discurso é uma das formas mais eficientes de manipulação social, bem como arma que molda e fortalece as relações de poder. A mídia faz da piada uma camuflagem para disseminar ideologias e preconceitos sociais. O objetivo central dessa pesquisa fundamenta-se em uma reflexão crítica em torno das relações de humor e preconceito linguístico-social, além de gerar entendimentos sobre as raízes que motivam discursos agressivos. Este estudo se debruça na abordagem qualitativa a partir da análise do discurso em interações face a face. Os dados foram gerados baseados no discurso dos personagens do programa humorístico “Sai de Baixo”, da Rede Globo, uma vez que as piadas que compõem o programa ainda são difundidas pela população brasileira. Os resultados obtidos no presente trabalho evidenciam uma urgente e necessária mudança no comportamento coletivo perante as mazelas da sociedade, bem como o desejo de criação de novas ferramentas que provoquem o riso de maneira não discriminatória. Por último, expõe o rico conteúdo linguístico que as piadas oferecem para estudos acadêmicos.

Palavras-chave: humor, preconceito social, discurso, ideologia.

ABSTRACT

Discourse is one of the most efficient forms of social manipulation, as well as it is a weapon that shapes and consolidates power relations. The media uses jokes as a camouflage to spread ideologies and social prejudices. The main objective of this research is based on a critical reflection on the relationships of humor and linguistic-social prejudice, in addition to seeking understandings about the roots that motivate aggressive discourses. This study relies on the qualitative research drew on the discourse analysis in face-to-face interactions. The data collected were based on the speech of the characters from the sitcom “Sai de Baixo”, by Rede Globo, since the jokes presented in the program are still in use by the Brazilian population. The results achieved in this study show an urgent need for change in social behavior when it comes to society's misfortunes, along with the need to create new tools that provoke laughter in a non-discriminatory way. Finally, the findings expose the rich linguistic content that jokes offer for academic studies.

Keywords: humor, social prejudice, discourse, ideology.

TABELA DE SÍMBOLOS

-	parada súbita
()	fala não compreendida
(())	comentário do analista

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Cassandra.....	158
Figura 2 – Cassandra.....	158
Figura 3 – Caco e Ribamar.....	161
Figura 4 – Caco.....	161
Figura 5 – Neide.....	165
Figura 6 – Caco.....	165
Figura 7 – Caco.....	165
Figura 8 – Caco.....	165
Figura 9 – Caco.....	165
Figura 10 – Caco.....	165
Figura 11 – Caco.....	169
Figura 12 – Caco.....	169
Figura 13 – Caco.....	169

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	138
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	141
2.1. Linguística Aplicada	141
2.2. Discurso e ideologia	143
2.3. Humor	146
2.3.1. Estigma	149
2.4. Sociolinguística Interacional	150
3. METODOLOGIA	153
3.1. O programa Sai de Baixo	154
3.2. Personagens e características	155
4. UMA ANÁLISE ENGRAÇADA (OU NÃO!)	157
4.1. Episódio: Brasileiros e Brasileiras - 1ª temporada	157
4.1.1. Fragmento 1 – “Já conseguiu a carta de alforria?”	157
4.2. Episódio: Vai trabalhar Caco Antíbes - 1ª temporada	160
4.2.1. Fragmento 2 – “Eu sou escravo vip”	160
4.3. Episódio: Tem carço nesse angu – 5ª temporada	164
4.3.1. Fragmento 3 – “Você é uma assassina da língua pátria”	164
4.4. Episódio: Toma que o pai é teu - 5ª temporada	168
4.4.1. Fragmento 4 – “Eu tenho horror a pobre”	168
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	172
REFERÊNCIAS	174

1. INTRODUÇÃO

Os meios de comunicação fazem parte de uma necessidade natural do ser humano de interagir com o mundo em que vive (SOUZA, 2004). Nesse processo de evolução, os meios utilizados para a transmissão de informações também evoluiu. Aos poucos, novos instrumentos de comunicação foram surgindo, fazendo do rádio e da TV criações surpreendentes; tais criações passaram a propagar diversos tipos de informações para a sociedade, seja de caráter informativo, cultural ou recreativo. Invenções tecnológicas foram se instalando à medida que a sociedade foi se modernizando assim como a necessidade de comunicação. Na década de 90, apesar dos avanços da tecnologia, a maior parte da população brasileira ainda não encontrava um espaço para que pudessem, não apenas se comunicar, mas também, se expressar. Vivemos em uma sociedade patriarcal (BOFF, 2016), por isso, não é de se estranhar que minorias não tinham voz. Nesse contexto, o desenvolvimento crítico não parecia ser estimulado o suficiente e os reais problemas sociais eram mascarados pela mídia.

O cenário dos últimos anos mostra uma sociedade sob duas perspectivas muito distintas: se por um lado, parte da população se mostra mais ativa e preocupada com os diferentes tipos e níveis de preconceito que se encontram enraizados em nossa sociedade, por outro lado, existe uma camada que faz uso do seu poder de fala – concedido pela possível mudança de pensamento crítico – para promover discursos agressivos camuflados por piadas. Toda essa disseminação descontrolada de informações se revela dentro dos mais variados veículos de comunicação, sendo as redes sociais o principal palco de insinuações de mau gosto atualmente.

Programas humorísticos sempre estiveram presentes na minha casa. Lembro-me bem dos domingos a noite ao fim da década de 90, minha família e eu, esperando ansiosos para assistir mais um episódio do programa Sai de Baixo, transmitido pela Rede Globo. Apesar de ser criança na época, era meu *sitcom* favorito, e continuou sendo por muito tempo. Foi uma alegria para mim quando, muitos anos depois do término do programa, o canal Viva trouxe reprises. Com o acesso a *internet*, também pude rever o show diversas vezes quando queria dar boas gargalhadas. Considerava um dos melhores programas nacionais já produzidos. No entanto, esse brilho em meus olhos começou a diminuir ao passo que sentia um tom discriminatório nas piadas feitas que ultrapassava os limites do aceitável.

Essa tomada de reflexão passa a existir a partir dos meus estudos nos cursos de linguística, transformando meu riso em questionamento. “Sai de Baixo” promove o riso da plateia e dos telespectadores baseado em um discurso preconceituoso que se aproveita de pessoas de grupos sociais desprivilegiados. Portanto, essa pesquisa é motivada pelo meu incômodo pessoal que crescia ao assistir ao programa mais uma vez. Do incômodo surge também a indagação quanto a aceitação da sociedade para com um tipo de humor que usa características pessoais específicas. Não deixei de gostar da atração, pelo contrário, agradeço a produção dele, que me envolvia inocente quando criança e me acompanhou até a vida adulta, chegando ao ponto de criticar o teor daquilo que tanto me fez rir. Por isso, vale ressaltar que esse projeto não tem intenção de desqualificar o programa “Sai de Baixo”, mas causar uma reflexão entre o que é cômico e o que é preconceito.

Então, lanço a pergunta: até onde vai a crítica social dos programas de humor? A piada perde seu sentido quando as diferenças socioculturais e socioeconômicas que caracterizam os indivíduos tornam-se motivos de gozação. Na tentativa de amenizar os discursos carregados de estereótipos, surge o preconceito linguístico (BAGNO, 2007) como pretexto para excluir minorias devido a sua raça, gênero, instrução escolar, classe social. Para Bagno, o preconceito linguístico nada mais é do que uma discriminação social feita através da linguagem oral e escrita. Assim, a pesquisa que se inicia não busca soluções concretas, mas estimula uma discussão de caráter sociopolítico que se debruça na necessidade urgente de denunciar e combater uma forma de exclusão social cruel e ao mesmo tempo sutil (ibidem, 2007).

O principal objetivo desse trabalho consiste em analisar as relações entre o cômico e o preconceito linguístico e social a partir de uma reflexão crítica ao programa “Sai de Baixo”. Para isso, a presente monografia se insere no campo da Linguística Aplicada (MOITA LOPES, 2006), pois entendo que a linguagem tem papel central na construção dos problemas sociais; e da sociolinguística interacional, visto que é de interesse gerar entendimentos sobre o que está acontecendo no aqui e agora interação (GUMPERZ, 2015). Essas correntes linguísticas são de grande relevância para a composição deste trabalho, pois irão colaborar no desenvolvimento do pensamento crítico além de levantar questionamentos sobre as ferramentas usadas para fazer humor atualmente. Reconhecer o preconceito linguístico como problema social e forma de discriminação séria é apenas um passo na construção de uma sociedade responsável que respeita as diferenças e as entende como parte fundamental da identidade do indivíduo.

Na tentativa de construir uma reflexão crítica acerca das ideologias estereotipadas que encontram no humor uma forma sutil de praticar e difundir preconceitos sociais cristalizados, esta monografia estrutura-se da seguinte forma:

O capítulo 1 envolve a introdução da pesquisa, seus objetivos, motivações e justificativas.

O capítulo 2 abrange toda a fundamentação teórica, que envolve estudos sobre Linguística Aplicada – contemplando a linguagem atuante nas práticas sociais –, Discurso e Ideologia – que moldam a forma de enxergar o mundo por meio da prática discursiva –, Humor – prática humorística que produz o riso baseando-se em ideologias estereotipadas, além de abordar o estigma como aspecto gerador da comicidade –, e a Sociolinguística Interacional – promovendo uma visão micro das interações face a face.

O capítulo 3 apresenta o tipo de metodologia utilizada para composição desse trabalho, estendendo-se também para a apresentação do programa usado como objeto de análise; seu formato e breve caracterização dos personagens envolvidos.

O capítulo 4 é dedicado a análise dos dados, que se desdobra no discurso dos personagens do programa “Sai de Baixo”. Essa sessão envolve, também, a contextualização dos episódios escolhidos para compor o corpus da pesquisa.

O capítulo 6, por fim, expõe as considerações finais dessa investigação.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Desde a antiguidade, piadas de conotação negativa se fazem presentes em diferentes sociedades, que apresentam aprovação desse tipo de humor ao ecoar risos. Na tentativa de entender os mecanismos geradores de humor e quais as suas implicações a nível sócio-político-cultural, será apresentado neste capítulo o embasamento teórico que contribuirá para análise dessa pesquisa, que se faz na relação de humor e preconceito social na comédia “Sai de Baixo”.

2.1. Linguística Aplicada

O discurso de um indivíduo ou grupo, se forma e se transforma através das ideologias. A Linguística Aplicada (LA) (MOITA LOPES, 2006) por sua vez, se liga intimamente a essa prática visto que ela “procura explicitar como, através de textos orais e escritos, as pessoas produzem, reproduzem, desafiam e/ou alteram as estruturas sociais onde estão inseridas e como a linguagem contribui para que algumas pessoas exerçam domínio sobre as outras nas práticas sociais” (BIAZI; DIAS, 2007, p. 1-2). A partir desse ponto, essa pesquisa, focada na problemática que programas de humor podem causar a nível social, destaca como a linguística aplicada crítica (RAJAGOPALAN, 2003) possibilita uma mudança na maneira como as pessoas pensam, vivem e enxergam o mundo.

Pautada em uma corrente pedagógica positivista de construção do saber, a LA era vista, inicialmente, como o estudo que aplica teorias linguísticas ao ensino de língua estrangeira. Moita Lopes acredita que esse

[...] equívoco aplicacionista deve-se possivelmente ao entusiasmo que a formulação de uma área de conhecimento nova, a linguística, despertou no início do século XX, e a compreensão apressada e pouco lúcida de que o seu aparato teórico poderia focalizar questões além de seu alcance. (2006, p. 18)

Ainda de acordo com o autor, a LA se posiciona criticamente a esse pensamento reducionista de que teorias linguísticas pudessem promover soluções aos problemas de ensino-aprendizado que professores encontram em sala de aula.

A linguística aplicada passou a enxergar-se como “indisciplinar” ao se deparar com a necessidade de buscar formas de fazer pesquisa que atravessavam outras áreas de conhecimento, dado a complexidade encontrada no ensino de línguas dentro de sala de aula. Essa nova abordagem interdisciplinar abriu portas para um estudo da linguagem para além da escola, criando entendimentos ao problematizar o que antes não era

problematizado (MOITA LOPES, 2006). Tal perspectiva causou alvoroço nos linguistas tradicionais, conforme Moita Lopes acrescenta:

No entanto, foi certamente o viés de interdisciplinaridade que causou mais impacto no desenvolvimento da LA contemporânea. E é esse viés que leva à formulação de uma LA mestiça ou nômade, que, provavelmente, causa mais desconforto nos círculos de estudos linguísticos a que já me referi como também nos próprios formuladores da chamada LA "normal", que entendiam interdisciplinaridade com base em uma disciplina-mãe, a linguística (ou seja, interdisciplinaridade *pero no mucho!*) (MOITA LOPES, 2006, p. 20).

Embora esse campo de estudo já tenha se estabelecido no Brasil, não é incomum essa área ser caracterizada como a “outra linguística”. Segundo Moita Lopes (2006), pesquisadores de outras áreas da linguística encontram dificuldade em entender e aceitar esse campo, visto que a LA centraliza seu objeto de estudo na configuração da linguagem dentro das práticas sociais. O autor simplifica que “tal característica pode ser bastante problemática para campos cristalizados, seguidores de visões de conhecimento como construção de verdade” (ibidem, 2006, p. 17).

Ao compreender que a LA investiga a linguagem contemporânea “atuando no meio social e trabalhando com as vozes que sempre foram escanteadas por aqueles que se negam às diferenças” (BARROS, CAMARGO, 2012, p. 55-56), é necessário refletir sobre uma possível mudança de comportamento social no que diz respeito a valorização das características naturais e vivências pessoais que constroem a identidade do indivíduo. É diante dessa reflexão que procuro pautar a linguagem dos programas de humor, mais precisamente do programa de sucesso “Sai de Baixo”, em uma análise sobre como essa forma de expressão têm sido questionada e, conseqüentemente, reestruturada.

Segundo Souza (2020), a comédia “Sai de Baixo” se alimentava de uma linguagem que enfraquecia certos grupos sociais e é esse grupo social marginalizado que a LA compreende como central na pesquisa. Apesar do material do programa ainda ser aceito e difundido através das mídias sociais, os estudos que incorporam as ciências sociais podem ter causado ao *sitcom* um distanciamento do momento atual por representar uma realidade não cômica (SOUZA, 2020), além de colaborar para as mudanças dos ideais modernos. Moita Lopes (2006) afirma essa mudança na construção do sujeito quando declara que:

São tempos em que os ideais da modernidade têm sido questionados e reescritos, principalmente aqueles referentes à definição do sujeito social como homogêneo, trazendo à tona seus atravessamentos identitários, construídos no discurso (Moita Lopes, 2002), como também os ideais que dizem respeito a formas de produzir conhecimento sobre tal sujeito, que tradicionalmente o descorporificavam no interesse de apagar sua história, sua classe social, seu

gênero, seu desejo sexual, sua raça, sua etnia etc. (MOITA LOPES, 2006, p. 22-23)

Vale ressaltar a maturidade, seguida da mudança de comportamento, que as ciências sociais vêm provocando nas pessoas, a qual estão se posicionando e entendendo seu lugar perante a sociedade. A atriz Cláudia Jimenez, que interpretou a empregada doméstica Edileuza na primeira temporada de “Sai de baixo”, foi desligada do programa por desentendimentos com os diretores e roteiristas em decorrência das piadas de caráter negativo que a incomodavam diretamente. Cerca de 20 anos após sua saída do show, Cláudia foi escalada e concordou em participar do filme que seguia a mesma proposta do programa original. No entanto, a atriz desistiu do papel ao ler o roteiro e declarou em entrevista ao *O Globo*: “eu era ingênua na época. Agora, achei que tinha virado a página, mas, não, não superei” (JIMENEZ, 2018).¹

Ao longo da composição desse capítulo, seria incoerente não mencionar sobre o caráter político na qual a linguística aplicada apoia sua forma de pesquisa. Para Moita Lopes e Fabrício (2006), as práticas discursivas decorrentes dos processos de globalização, abrem espaço para um sujeito não idealizado, marcado pelo meio que está inserido. Essas novas formas de ancorar a pesquisa fogem dos moldes tradicionais visto que privilegia as vozes “daqueles que sofrem às margens da sociedade” (MOITA LOPES, 2006, p. 30), tornando válidas as visões alternativas da vida social e de construção de conhecimento.

Assim, a próxima seção segue o que entendo sobre discurso e ideologia que se fazem relevantes para este trabalho. Questões que se referem a neutralidade e intencionalidade de um texto também são brevemente abordados nessa seção.

2.2. Discurso e ideologia

Ao produzir textos, seja de natureza escrita ou oral, o indivíduo deixa marcas pessoais acerca de um assunto específico. O estudo do discurso é primordial na construção dessa monografia, pois possibilita a compreensão do sentido de um texto uma vez que analisa as ideologias presentes a partir do contexto social que se apresenta (FAIRCLOUGH, 2001). No caso dessa pesquisa, tomo o discurso humorístico do programa “Sai de Baixo” como objeto de análise, pois o mesmo utiliza-se do riso como

¹ Fonte: KOGUT, Patrícia. Claudia Jimenez desiste de participar do filme do ‘Sai de baixo’. *O Globo*, 09 mai. 2018. Notícia. Disponível em: ><https://kogut.oglobo.globo.com/noticias-da-tv/noticia/2018/05/claudia-jimenez-desiste-de-participar-do-filme-do-sai-de-baixo-achei-que-tinha-virado-pagina-mas-nao-superei.htm><. Acesso em: 21 mar. 2021, 09:31.

prática discursiva. Proponho, assim, uma reflexão sobre esse tipo de discurso que causa humor, visto que ele pode sofrer interpretações diferentes de acordo com as ideologias de quem as recebe.

Este capítulo busca compreender o uso linguístico dentro das práticas sociais e os efeitos que o mesmo causa numa esfera política e social. A discussão que se inicia não promove uma definição fixa sobre o termo discurso, pois, segundo Fairclough (2001), existem muitas definições dadas sob pontos de vista teóricos distintos. Sob a ótica da linguística, discurso é usado para enfatizar as interações entre falante/escritor e ouvinte/leitor. O termo também é utilizado na linguagem jornalística, publicitária, musical e outros, formando diferentes tipos de discurso a depender do tipo de contexto social.

A análise do discurso é um campo de estudo recente que surge no reconhecimento de que as mudanças no uso da linguagem estão intimamente ligadas às práticas sociais. Sendo assim, outras disciplinas da linguística não centralizam seu objeto de estudo no comportamento social e, conseqüentemente, não reúnem métodos eficazes e independentes para propor análises discursivas a um nível macro (FAIRCLOUGH, 2001). Inicialmente, Saussure (1959) estabeleceu uma relação muito estreita com a fala, pois acreditava ser ela uma atividade inteiramente individual. Essa perspectiva, dominante para a época, passa a ser questionada por sociolinguistas que consideravam o uso da linguagem um movimento moldado pela sociedade (BAKHTIN, 1929).

De acordo com Fairclough (2001), os indivíduos se apresentam para o mundo a partir de seu discurso e nele se apoiam para transformar a sociedade ao mesmo tempo que são transformados por ela. Isso revela como as sociedades são construídas através da linguagem e como essa ferramenta é capaz de estabelecer e modificar relações sociais. Nessa perspectiva, o humor como prática discursiva utiliza-se de concepções preestabelecidas na sociedade para garantir que o risível se faça presente. Considerando que o discurso é objeto de poder, compartilho do pensamento de Fairclough ao declarar que:

Os discursos não apenas refletem ou representam entidades e relações sociais, eles as constroem ou as 'constituem'; diferentes discursos constituem entidades-chave de diferentes modos e posicionam as pessoas de diversas maneiras como sujeitos sociais. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 22)

A língua é a forma sutil e eficaz que as classes dominantes encontraram para impor aspectos ideológicos na sociedade. É nesse sentido que Fairclough (2001, p. 120) propõe uma abordagem de análise do discurso (AD) focada na mudança social, assim, as pessoas

serão mais “conscientes de sua própria prática e mais críticas dos discursos investidos ideologicamente a que são submetidas”. As discussões acerca da AD são encontradas em trabalhos como os de Sinclair e Coulthard (1975), Potter e Wetherell (1987) e Pêcheux (1979). Embora relevantes em suas contribuições, esses autores não consideram “como as relações de poder moldam as práticas discursivas” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 35).

O sujeito se constrói através de ideologias materializadas pelas práticas discursivas. Prata² (2014) afirma que ao fazer uma piada, está criando um novo mundo de ideias, construindo essa massa da cultura e impondo maneiras sobre como as pessoas devem pensar. Podemos inferir, então, que parte do texto elaborado pelo programa “Sai de Baixo” reforçava ideologias sob discursos estereotipados e preconceituosos em um movimento crescente resultante da aceitação do público que assistia. Gramsci (1971, p. 328 apud FAIRCLOUGH, 2001, p. 123) considera a ideologia “uma concepção do mundo que está implicitamente manifesta na arte, no direito, na atividade econômica e nas manifestações da vida individual e coletiva”.

Ainda nos estudos de Fairclough (2001), as ideologias, uma vez internalizadas nas práticas discursivas, atingem o *status* de ‘senso comum’ e são mais difíceis de serem identificadas. Por sua vez, as classes sociais mais baixas, influenciadas pelas instituições sociais que as cerca, são passíveis de dominação, visto que essa classe normalmente não tem acesso a um tipo de escolarização que investe no pensamento crítico.

Segundo Bakhtin (1995), nenhum discurso é neutro. Isso significa que há sempre uma intenção por parte do seu locutor naquilo que se fala. Isto posto, as organizações sociais promovem suas práticas discursivas por meio de produções linguísticas que tentam comover, enfatizar, pedir ou mesmo convencer seu público. A intertextualidade é um exemplo de produção linguística muito comum que consiste na criação de um texto a partir de outro já existente:

Intertextualidade é basicamente a propriedade que têm os textos de ser cheios de fragmentos de outros textos, que podem ser delimitados explicitamente ou mesclados e que o texto pode assimilar, contradizer, ecoar ironicamente, e assim por diante (FAIRCLOUGH, 2001, p. 114).

Essas intenções nem sempre são claras e isso pode acarretar em uma falha considerável na transmissão da mensagem. A construção de sentido não se delimita unicamente ao locutor, mas depende também da posição social e das ferramentas

² Fonte: NASCIMENTO, Débora. O discurso humorístico é também ideológico. **Continente**, 01 dez. 2014. Arquivo. Disponível em: >[https://revistacontinente.com.br/secoes/arquivo/-o-discurso-humoristico-e-tambem-ideologico-<](https://revistacontinente.com.br/secoes/arquivo/-o-discurso-humoristico-e-tambem-ideologico-). Acesso em: 20 mar. 2021, 19:15

interpretativas que o sujeito receptor dispõe. No discurso humorístico, não basta apenas um emissor dotado de inteligência, portanto, para atingir o sucesso da mensagem, é preciso acessar a memória do leitor/ouvinte. Fairclough acrescenta:

Mas nem todos os intérpretes são submissos: alguns são resistentes em uma extensão maior ou menor, e mais ou menos explicitamente. Os intérpretes são, é claro, mais do que sujeitos do discurso em processos de discurso particulares; eles são também sujeitos sociais, com experiências sociais particulares acumuladas e com recursos orientados variavelmente para múltiplas dimensões da vida social, e essas variáveis afetam os modos como vão interpretar textos particulares (FAIRCLOUGH, 2001, p. 173).

Podemos entender que o discurso é o produto chave na construção de identidades, sendo as ideologias nele representadas uma forma de divisão de classes. Essa divisão pode ser notada em alguns contextos de humor que fortalecem traços de caráter negativo quanto as caracterizações naturais do indivíduo. A linguagem pelo viés da análise do discurso revela que ela se faz presente em todas as práticas sociais como instrumento de poder e não isoladamente, como uma simples forma de comunicação entre os sujeitos.

Na próxima seção, irei aprofundar os estudos de humor como prática discursiva que busca provocar o riso, baseando-se em discursos preconceituosos camuflados por piadas. Desde a antiguidade, pesquisas científicas já apontavam a necessidade de reestruturação desse material risível.

2.3. Humor

As relações que ligam o humor ao preconceito são mais próximas do que se pode imaginar. Esta investigação estimula uma reflexão acerca das ferramentas usadas para a construção de humor e como essa forma de comunicação tende a produzir e reforçar diferentes tipos de preconceito. O estudo do conteúdo de programas humorísticos analisa sociedades que exploram as fraquezas de minorias sociais com o objetivo de provocar o riso. Ao propor que “Sai de Baixo” faça parte de uma forma de humor com tom ofensivo e discriminatório (SOUZA, 2020), considero não só útil quanto necessário usá-lo como objeto de análise.

Há alguns anos, textos de humor passaram a ser objeto de estudo de algumas áreas do saber tais como a Psicologia, Filosofia, Sociologia, Antropologia. Embora o interesse pelo estudo seja notório e crescente, esse campo ainda encontra problemas de reconhecimento como disciplina acadêmica (BASTOS e STALLONE, 2011). De acordo com Lins (2014), ao identificar a necessidade de descrever o sentido dos textos humorísticos, o que faz o cômico e como essa forma de linguagem pode impactar

negativamente a sociedade, linguistas de diversas áreas passam a perceber a importância desse estudo no meio acadêmico.

Partindo do princípio que toda fala tem uma intenção, seja ela clara ou não, a linguagem humorística também carrega intenções muitas vezes mascaradas pelo discurso. Comparato (2009, p. 28) aponta que “é inútil tentar fugir à responsabilidade da falta de ‘ter algo a dizer’. Tudo é escrito para produzir uma influência, mesmo que esta seja somente para divertir”. É sob essa forma de diversão que a linguística evidencia as marcas do preconceito linguístico, embora Bagno (2003, p. 16) assegure que “[...] simplesmente, o preconceito linguístico não existe, o que existe, de fato, é um profundo e entranhado preconceito social”.

O humor é uma das diversas formas de prática discursiva que encontramos na sociedade, já que rir é um dos atos mais comuns do ser humano. Segundo Bergson (1983), costumamos achar graça do que é diferente, rimos de pessoas e animais, mas não achamos graça daquilo que não é humano, pois não há qualidade no riso em coisas inanimadas. Não rimos de um quadro na parede, de um sapato ou de um cachorro sem motivo, mas por compará-los, de alguma forma, ao homem. É possível comprovar a afirmação de Bergson ao observar o leque de piadas usadas em “Sai de baixo”. A personagem Magda, por não ser muito inteligente, era frequentemente comparada a animais como: burro, jumento, anta e macaco. A empregada doméstica Edileuza também era comparada a animais como elefante e hipopótamo por estar acima do peso. Neide Aparecida, funcionária da segunda temporada do programa, costumava ser julgada por fazer uso do português não-padrão. Já o porteiro Ribamar era motivo de gozação por ser nordestino.

Para Minois (2003), os filósofos gregos já abordavam o humor como prática social e classificavam o riso em dois aspectos: o riso gelan e o katagelan:

Desde a época arcaica, há dois tipos de riso que o vocabulário distingue: Gelan, o riso simples e subentendido, e Katagelan, “rir de”, o riso agressivo e zombeteiro, que Eurípedes condena em um fragmento da Melanipeia: “Muitos homens, para fazer rir, recorrem ao prazer da zombaria. Pessoalmente, detesto esses ridículos cuja boca, por não ter sábios pensamentos para expressar, não conhece freio”. Esse julgamento já anuncia uma nova sensibilidade, que considera inconveniente, maldoso e grosseiro o riso brutal da época arcaica (MINOIS, 2003, p. 33).

Isto posto, o programa proporciona os dois tipos de riso citado. O riso katagelan se faz presente nas gozações mais duras à personagem Magda, ao porteiro nordestino e as empregadas, reforçando estereótipos e preconceitos. O riso gelan, leve e natural, aparece na interação direta dos artistas com a plateia, no improviso, nas músicas e poesias infantis ou gestos mecânicos (SOUZA, 2020).

Entendo que o humor precisa fazer parte do cotidiano num ato solidário a favor de uma vida menos séria. Minois (2003) defende ainda que a função da comédia é permitir que a população esqueça, por um momento, suas preocupações e encontrem conforto e leveza no cômico. No entanto, Comparato (2009) aponta o efeito negativo que a comédia pode produzir:

Comédia é surpresa. Comédia é economia. A comédia é hostil e agressiva, humilhante. Crítica e irônica. É insultante. É puro conflito. Na comédia, nada é sagrado. Religião, raça, Deus, nem as mães. Alguém sempre se dá mal numa comédia. Se não gosta de violência, se não quer magoar ninguém, se não pode ver nem um pouquinho de sangue, é melhor escolher outra profissão. A comédia é sempre cruel e explosiva. É dessacralizante. Não tem limites. Tudo é risível (COMPARATO, 2009, p. 377).

A alegação de Comparato (2009) nos faz refletir sobre os limites do humor. Retomo a pergunta inicial: até onde vai a crítica social dos programas de humor? Essa prática discursiva parece não se preocupar com a escolha das palavras quando o intuito é entreter, sendo aceita por boa parte da população que encara essa forma de entretenimento como “discursos ingênuos, feitos para o riso, desvinculados de qualquer ideologia” (FACIN, SPESSATTO, 2007, p. 246).

Souza e Greco (2018) ressaltam que o humor é parte integrante da vida do indivíduo quando declaram que ele é um artefato buscado intencionalmente para relaxar e fugir dos problemas do dia a dia. No entanto, para os autores, o programa “Sai de baixo” é o produto do investimento de uma concepção de humor em declínio pelo crescente movimento de entendimento da valorização das identidades culturais e sociais. Essa ideia é percebida em:

[...] algumas manifestações humorísticas passam a ser questionadas, problematizadas, ou até proibidas. Conteúdos da comédia dos anos 1980 e 1990 passam a ter o valor humorístico alterado à medida que tais problematizações se consolidam na sociedade. Entre esses conteúdos encontram-se programas televisivos, que ao serem reprisados demonstram uma reconfiguração da recepção de suas piadas (SOUZA; GRECO, 2018, p. 3).

O que se prega aqui é o desejo urgente de mudança na construção verbal e não verbal de materiais humorísticos não humilhantes, mas criativos e originais.

No próximo item, apresentarei os estudos sobre estigma, considerando aspectos sociais que marcam indivíduos com atributos depreciativos. Nessa subseção, tento entender porque pessoas estigmatizadas se tornam alvos diretos de piadas e quais as suas consequências na sociedade.

2.3.1. Estigma

Considero útil analisar o estigma sob o ponto de vista social, posto que o conteúdo utilizado para criação do humor baseia-se, na maioria das vezes, em estereótipos estabelecidos pela sociedade. Assim, conforme Goffman, ([1891]2004) o meio determina formas de categorizar as pessoas, concedendo-lhes atributos que estipulam como naturais e comuns para os que constituem tais categorias. Esses atributos, uma vez internalizados no mundo em que vivemos, transformam-se em “expectativas normativas” e “em exigências apresentadas de modo rigoroso” (GOFFMAN, 2004, p. 5).

As características que compõem cada indivíduo e assim formando sua identidade, é estigmatizada à medida que esse ser ou grupo possui traços considerados socialmente como negativos, levando-os ao descrédito e a acreditar que são pessoas fracas, inferiores e defeituosas. Goffman explica:

Por definição, é claro, acreditamos que alguém com um estigma não seja completamente humano. Com base nisso, fazemos vários tipos de discriminações, através das quais efetivamente, e muitas vezes sem pensar, reduzimos suas chances de vida: construímos uma teoria do estigma; uma ideologia para explicar a sua inferioridade e dar conta do perigo que ela representa, racionalizando algumas vezes uma animosidade baseada em outras diferenças, tais como as de classe social. Utilizamos termos específicos de estigma como aleijado, bastardo, retardado, em nosso discurso diário como fonte de metáfora e representação, de maneira característica, sem pensar no seu significado original. (GOFFMAN, 2004, p. 8)

Percebemos, no entanto, que são esses termos estigmatizados que tomam conta das piadas e de práticas discursivas de caráter humorístico em geral. Assim, o conteúdo é propagado cada vez mais ao notar uma reação risível de um grupo que se considera superior socialmente e culturalmente, pois acreditam fazer parte dos padrões impostos pela sociedade. Em “Sai de Baixo”, podemos inferir que Caco, Cassandra e Vavá são personagens normais, ou seja, não violam regras quanto aos padrões aceitáveis perante a sociedade. Já Edileuza, Neide Aparecida, Magda e Ribamar contemplam os personagens estigmatizados, isto é, personagens discriminados por sua escolaridade, classe social, condição física, psicológica ou qualquer outro aspecto visto como negativo.

O estigma se faz cômico apenas para aqueles que não se encaixam nos grupos desprivilegiados. A personagem Edileuza não se encaixava nos padrões de beleza por estar acima do peso, porém, essa característica ia além da personagem e fazia parte da identidade da atriz que a interpretava. O incômodo da atriz para com tais piadas foi nítido ao relatar isso em uma entrevista. Nesse sentido, Goffman afirma que os padrões que um indivíduo:

[...] incorporou da sociedade maior tornam-no intimamente suscetível ao que os outros vêem como seu defeito, levando-o inevitavelmente, mesmo que em alguns poucos momentos, a concordar que, na verdade, ele ficou abaixo do que realmente deveria ser: A vergonha se torna uma possibilidade central, que surge quando o indivíduo percebe que um de seus próprios atributos é impuro e pode imaginar-se como um não-portador dele. (GOFFMAN, 2004, p. 10)

Estamos, a todo tempo, “fazendo algumas afirmativas em relação àquilo que o indivíduo que está à nossa frente deveria ser” (GOFFMAN, 2004, p. 6), estigmatizando pessoas a partir da criação de estereótipos, tornando-os alvos frágeis e fáceis de piadas preconceituosas, apagando sua cultura, sua identidade e não enxergando suas verdadeiras qualidades.

Na seção seguinte, discorrerei sobre a Sociolinguística Interacional afim de evidenciar como as interações sociais acontecem, privilegiando o contexto micro da comunicação. Detalhes que, por vezes, são ignorados por muitos pesquisadores.

2.4. Sociolinguística Interacional

A interação social se dá por mecanismos que vão além da linguagem verbal, tornando os discursos mais desenvolvidos e fluídos. Dessa forma, é importante avaliar o contexto social da interação, que acaba sendo negligenciado por parte de alguns pesquisadores (RIBEIRO; GARCEZ, 2013). O presente trabalho ancora-se na investigação das relações face a face encontradas no programa televisivo “Sai de Baixo”, em uma análise que denota como os personagens sinalizam e sustentam a situação interacional a que são submetidos, o que resulta no caráter humorístico do programa.

Articulado a necessidade de estudar a linguagem a partir das interações sociais, surge uma corrente denominada Sociolinguística Interacional (SI) – também conhecida como sociointeracionismo –, e tem como principal representante o linguista e antropólogo John Gumperz. A análise do discurso utiliza dessa corrente para “analisar a comunicação situada na interação face a face” (RIBEIRO; GARCEZ, 2013, p. 7), visto que é neste tipo de interação que ocorrem eventos de fala naturais. Conforme afirma Gumperz:

A Sociolinguística Interacional (SI) é uma abordagem da análise de discurso que tem sua origem na busca de métodos replicáveis de análise qualitativa que explicam nossa capacidade de interpretar o que os participantes pretendem transmitir na prática comunicativa cotidiana. É sabido que os conversadores sempre confiam no conhecimento que, além da gramática e do léxico, se faz ouvir. Mas como esse conhecimento afeta a compreensão ainda não é suficientemente compreendido (GUMPERZ, 2015, p. 9).

A Sociolinguística Interacional descarta qualquer separação entre língua e contexto, e foca na pesquisa as estratégias presentes que os participantes fazem uso na

produção das mensagens (BORTONI-RICARDO, 2014). Nesse sentido, Gumperz criou o termo “pistas de contextualização” para se referir a essas estratégias na qual define como

[...] qualquer traço presente no discurso que contribui para sinalizar as pressuposições contextuais, indicando aos participantes, no momento da interação, e posteriormente ao analista, se a comunicação desenvolve-se tranquilamente e se a intencionalidade está sendo bem transmitida e devidamente interpretada (GUMPERZ, 1982, apud BORTONI-RICARDO, 2014, p. 147).

Os recursos extralinguísticos utilizados no *sitcom* serão analisados nesse trabalho sob o viés da SI, pois a mesma indica que tais estratégias conversacionais sejam técnicas usadas não somente nas construções de humor, mas também nas construções das identidades culturais. Ademais, a SI evidencia o preconceito linguístico e social através da linguagem verbal e não verbal (expressão facial, postura corporal, gestos), o que também implica nas relações de poder que os personagens apresentam quando estão em interação (NETO, 2017). Bourdieu (1998, p. 24) se alinha a esse pensamento quando assegura que as trocas linguísticas são “relações de comunicação por excelência [...] [e] são, também, relações de poder simbólico onde se atualizam as relações de força”.

De acordo com Goffman (2013, p. 19) “a fala é socialmente organizada, não apenas em termos de quem fala para quem em que língua, mas também como um pequeno sistema de ações face a face que são mutuamente ratificados e ritualmente governadas, em suma, um encontro social”. Ou seja, todo e cada parte do processo que acontece no encontro social é o que constrói o significado e não apenas o que foi dito, em um jogo de códigos que demarca a indissociabilidade entre sociedade e língua. Essa organização comunicativa relaciona-se com o que chamamos anteriormente de estratégias conversacionais, assim, os conceitos de alternância de código (*code-switching*), enquadre (*framing*), alinhamento e *footing* serão usados como aparato teórico-metodológico nessa pesquisa.

A alternância de códigos linguísticos, conforme Hudson (1996), ocorre não só entre línguas diferentes, mas também nas variantes linguísticas dentro de uma mesma comunidade de fala. Goffman (1981) já notava que essas trocas de registro contribuam fortemente para as construções identitárias e, por isso, considerava ser relevante olhar para as variações linguísticas. Posteriormente, Hudson (1996) reforçou o pensamento de Goffman em seu estudo no ramo da sociolinguística. No entanto, a noção de “alternância de código” pode se estender para além do caráter verbal, na qual a mudança se dá pela

gestualidade e postura corporal (NETO, 2017). Kramsch (1998, p. 125) defende que essa troca pode ser entendida como um “sinal de solidariedade ou distanciamento social e também como um ato de identidade (cultural)”. Isso nos leva a refletir sobre a possibilidade do programa “Sai de Baixo” ter usado desse recurso como forma de distanciamento social nos discursos de personagens como Caco Antíbes e Cassandra, na tentativa de provocar o riso através da imitação.

Os termos “enquadre” e “alinhamento” são conceitos adotados pela SI para entender o que está acontecendo em um determinado contexto interacional (GOFFMAN, 2013). Isto posto, o enquadre indica qual o contexto da interação a partir da experiência de vida dos participantes. Para esse autor, “em qualquer encontro face a face, os participantes estão permanentemente propondo ou mantendo enquadres, que organizam o discurso e os orientam com relação à situação interacional” (GOFFMAN, 2013, p. 107). O alinhamento, desenvolvido posteriormente como um desdobramento de enquadre, caracteriza-se pelo posicionamento, porte, postura ou até projeção pessoal dos participantes dentro de um enquadre de eventos, conforme assegura Goffman (2013). Qualquer alteração no discurso ou no comportamento social, implica em uma nova identidade, bem como alteração de *footing* e de enquadre. Neto reafirma:

As mudanças de *footing* podem ser explicitadas nas interações através dos marcos de início e término de turnos de fala, o distanciamento entre os participantes, a intimidade, o gênero, a eloquência do discurso, assim como a duração e direcionamento das olhadas mútuas e unilaterais (NETO, 2017, p. 43).

Considerando que os estudos sociolinguísticos, voltados para a interação social, investigam a linguagem verbal e a metagem a nível social, esse trabalho tece entendimentos sobre os mecanismos geradores de humor baseando-se no discurso dos personagens do programa “Sai de Baixo”. A partir dos recursos previamente mencionados: a alternância de código, enquadre, alinhamento e *footing*, os recursos podem servir de instrumento para representar negativamente um indivíduo ou grupo, ao passo que colaboram na construção de identidades socioculturais.

O capítulo a seguir apresenta a abordagem escolhida e os métodos usados para composição dessa monografia, além de explicitar como a pesquisa foi estruturada. Não menos importante, o capítulo inclui informações sobre a criação do programa “Sai de Baixo”, seu formato e o perfil dos personagens que farão parte das análises.

3. METODOLOGIA

A presente monografia dedica-se a uma pesquisa de posição investigativa ao explorar o caráter das práticas discursivas e ideológicas em cenários reais de comunicação. Conforme Denzin e Lincoln (2006), classifico este trabalho dentro da abordagem qualitativa, visto que esse tipo de pesquisa reforça a necessidade do pesquisador de entender o comportamento individual e em grupo, e suas consequências na sociedade. Essa abordagem nem sempre apresenta soluções concretas para o problema em questão, como é o caso dessa investigação, mas gera dúvidas, promove debates e aciona o pensamento crítico das pessoas sob uma realidade que não pode ser quantificada (MINAYO, 2001). Além disso, compartilho do pensamento de Denzin e Lincoln (2006) que compreende que toda descoberta da pesquisa é uma forma de fazer política, já que não há ciência livre de valores.

A Linguística Aplicada irá proporcionar uma reflexão acerca da linguagem atuante no meio social, assim como colabora na mudança do comportamento tanto individual quanto coletivo perante as mazelas sociais a que somos submetidos. O trabalho aqui exposto irá apoiar-se na área da Análise do Discurso para discutir como essa prática linguística contribui na construção das identidades sociais, baseadas em ideologias que podem transformar a maneira de pensar do indivíduo. Além disso, será feita uma relação entre o humor e o preconceito, que se encontra enraizado na prática humorística. Em conjunto com a AD, a pesquisa terá, também, apoio da Sociolinguística Interacional, que busca identificar como se configura o processo de interação face a face a partir de pistas de contextualização na linguagem verbal e não verbal.

Em seguida, serão analisados alguns trechos do programa de humor “Sai de Baixo”. Os fragmentos escolhidos mostram a divisão de classes sociais, fortalecendo estigmas e preconceitos sob uma prática discursiva que busca fazer rir usando os traços naturais de minorias sociais e os levando ao descrédito. Decidi não usar a pontuação de transcrição nas minhas análises e fazê-las de forma livre, pois não tenho interesse em analisar os significados criados por essas marcações. Assim sendo, a pontuação usada serve somente para dar entonação à leitura do leitor, então, devem ser lidas como em um texto escrito. Ademais, todos os fragmentos foram transcritos fielmente a maneira que os personagens se manifestam. Palavras consideradas fora da norma culta foram mantidas para preservar os detalhes da interação, uma vez que as variantes linguísticas são relevantes para a análise.

3.1. O programa Sai de Baixo

Baseado nas informações do site *Memória Globo*, “Sai de baixo”³ teve início em 1996 e partiu de uma ideia do ator Luís Gustavo ao diretor Daniel Filho. A proposta era um programa televisivo gravado ao vivo dentro de um teatro com plateia, em um formato que se assemelhava ao de uma *sitcom*⁴. O enredo girava em torno de uma família de classe média paulista, o porteiro do prédio e a empregada da casa, em que todos moravam no mesmo apartamento.

O elenco principal era composto por seis integrantes: Caco Antíbes (interpretado por Miguel Falabella), Magda, (Marisa Orth), Vanderley Matias – mais conhecido como Vavá (Luís Gustavo) –, Cassandra Matias Salão (Aracy Balabanian), Ribamar (Tom Cavalcante), Edileuza (Cláudia Jimenez) e Neide Aparecida (Márcia Cabrita). A personagem Edileuza fez parte apenas da primeira temporada do programa, sendo substituída por Neide Aparecida, que ficou no elenco da segunda até a quinta temporada do show. Alguns outros personagens acabaram saindo do programa e outros entraram ao longo das 7 temporadas. Ao todo, foram 6 anos no ar entre 1996 a 2002. Apesar da variedade no elenco, serão apresentados aqui nessa pesquisa apenas os personagens que farão parte das análises.

Tudo começa quando Caco, Magda e Cassandra vão à falência. Sem nenhum dinheiro e lugar para ficar, são obrigados a procurar moradia na casa do irmão de Cassandra, Vanderlei. Cassandra também é herdeira do apartamento que o irmão mora, e ele se vê obrigado a aceitar essa condição. Vavá é o mais responsável e o único que paga as contas da casa, pois sua família não contribui financeiramente, ao contrário, não gostam de trabalhar e gastam além do que deveriam. Edileuza, Ribamar e Vavá estão sempre bolando planos para fazer com que a família se mude e as coisas voltem ao normal. Da mesma forma que Caco Antíbes está a todo tempo se metendo em confusão e aplicando golpes na própria família ou em qualquer pessoa que tenha dinheiro. Toda a trama acontecia em um único cenário: a sala de estar do apartamento que ficava no Largo

³ Todas as informações sobre o programa foram retiradas do *Memória Globo*. Disponível em: ><https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/humor/sai-de-baixo/><. Acesso em: 16 jul. 2021.

⁴ A palavra *sitcom* vem da expressão em inglês *situation comedy*; esse termo tem algumas características como trabalhar com humor sob enredos do dia a dia, poucos personagens e poucos cenários, porém fixos; risos da plateia costumam encerrar uma cena e outra. Disponível em: >https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2016/10/25/interna_diversao_arte.554518/sitcom-formato-classico-do-humor-perdura-ate-os-dias-de-hoje-na-teve.shtml<. Acesso em: 17 jul. 2021.

do Arouche, em São Paulo. O programa foi produzido para ser transmitido na televisão, ocupando as noites de domingo após o programa do “Fantástico”, e era gravado ao vivo no teatro Procópio Ferreira contando com uma plateia para até 700 pessoas. Essa proposta teve uma resposta muito positiva dos espectadores e telespectadores, já que a plateia, muitas vezes, atuava como coadjuvante. Uma das marcas do programa era o constante hábito do improviso durante as gravações. Os atores e atrizes do programa interagiam frequentemente com a plateia, além de passear por ela, fazendo com que se sentissem mais próximos do elenco e da história. Eles costumavam esquecer suas falas, erravam a marcação das cenas, davam muitas gargalhadas fora de hora. Brincavam com as câmeras, às vezes usavam seus próprios nomes para fazer comentários aleatórios, debochavam um do outro em cena e até o diretor era envolvido nas piadas improvisadas. A maior parte dessas situações eram interpretadas por Miguel Falabella, conforme o elenco foi aderindo as brincadeiras. Tudo era aprovado pela direção e mostrado nas câmeras, uma vez que o público recebia todo esse material aos risos como resposta imediata. Tudo que não fazia parte do roteiro parecia deixar o show ainda mais divertido.

3.2. Personagens e características

Tabela 1 – Características dos personagens de *Sai de Baixo*

Personagens	Características	Principais apelidos
Caco Antíbes	Definido por ele mesmo como: "homem fino, louro, espetáculo, alto, dinamarquês". É mentiroso e golpista. Usava ternos importados, ostentava com roupas de marcas	Praga loura, rato louro, vampiro
Cassandra	Pensionista do falecido marido, falida, vive de ostentação. Gosta de implicar com os empregados. Utiliza roupas de cores chamativas e penteados com excesso de laquê	Cabeção, Cascacu, Tia, dona Casseta, dona cabeção, Cascassandra, Cassy, Mami
Vavá	Um empreendedor cheio de ideias, porém sempre mal sucedido. É o único que trabalha para sustentar seus parentes	Seu Vavá, tio Vavá
Magda	Dondoca, ninfomaníaca e pouco inteligente. Em geral, utilizava minissaias	Anta, mula, animal, zebra
Edileuza	Fiel escudeira de Seu Vavá. Vivia em embates com a patroa e Caco, tentava fazer regime para perder peso. Suas vestes eram apertadas, sua fala era erotizada	Abóbora selvagem, bem nutrida, aborígene, vassala, Lacaia, lutadora de sumô
Ribamar	Namorado das domésticas do prédio, porteiro lunático, cearense e adora futebol	Paraíba, anormal, cearense

Neide Aparecida	Sexy, desajeitada, utiliza roupas muito decotadas, gostava de rebolar para a plateia e personagens do programa. O português de Neide é recheado de erros	Peituda, Doméstica, Neidoca e Neidinha, assassina do português
------------------------	--	--

Tabela elaborada por Souza (2020, p.75) e adaptada por mim, com dados do *Memória Globo* e *Globoplay*

No próximo capítulo, apresento a minha interpretação sobre a análise dos dados. Para isso, 4 fragmentos de 4 episódios diferentes foram selecionados e seus episódios previamente contextualizados. Os excertos foram transcritos, de modo que essa transcrição ocorreu de forma livre. Além disso, imagens que compõem parte das cenas dos trechos foram usadas para melhor entendimento do leitor.

4. UMA ANÁLISE ENGRAÇADA (OU NÃO!)

As análises a seguir são fragmentos de texto retirados de 4 episódios diferentes do programa “Sai de Baixo”. Cada trecho será contextualizado e algumas imagens serão utilizadas para que o leitor tenha melhor entendimento da análise, já que, como dito em uma sessão anterior, as pistas de contextualização também acontecem por gestos corporais e expressões faciais. Vale ressaltar que a pontuação usada em todos os trechos serve de aparato apenas para marcar a entonação dos períodos, assim, as transcrições foram feitas de forma livre para melhor compreensão do leitor, não sendo de minha intenção analisar essas marcações no discurso durante a composição desse trabalho.

4.1. Episódio: Brasileiros e Brasileiras⁵ - 1ª temporada

No programa do fragmento 1, Vavá demonstra sua insatisfação e cansaço como síndico do prédio e então decide que na próxima eleição não irá se candidatar. Sua irmã Cassandra não aceita que Vavá abra mão de ser síndico novamente e resolve que irá se candidatar no seu lugar, pois acredita que a família precisa se manter no poder. No entanto, e para a surpresa de Cassandra, Edileuza também decide se candidatar. A escolha desse fragmento foi motivada pela forma como Cassandra se refere à Edileuza, apresentando um discurso carregado de superioridade e que diminui grupos desprivilegiados.

4.1.1. Fragmento 1 – “Já conseguiu a carta de alforria?”

Cassandra	1	Eu vou botar ordem nesse pardieiro
Edileuza	2	Era melhor começar pelo seu poleiro que seu quarto está uma zona
Cassandra	3 4 5	Olha aqui, sua insolente, se eu for eleita, a minha prioridade vai ser botar a mão de obra desqualificada no seu devido lugar, ou seja, o tronco
Edileuza	6 7	É, meu amor? Então vou te dar uma notícia de primeira mão: eu também vou me candidatar, não vai ser mole pra você
Cassandra	8	Já conseguiu a carta de alforria, hein, escrava Anastasia?
Edileuza	9 10 11	Já. Já e meu governo vai ser maravilhoso, eu vou promover a reciclagem. Tudo que tiver de quinquilharia dentro desse prédio, eu vou mandar pro ferro velho. Você vai virar um bugre

⁵ Fonte: Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=pOsL_tTpbJU&t=694s. Acesso em: 01 ago. 2021.



Figura 1 - Cassandra



Figura 2 - Cassandra

Na linha 1, Cassandra estabelece o enquadre discussão sobre candidatas a eleição, conforme afirma nessa fala em que ela, uma vez candidata, pretende colocar ordem no prédio. No entanto, a palavra que usa para se referir ao local que mora é negativa, chamando de pardieiro, ou seja, um lugar velho e em péssimo estado. Em um tom de fala sério e descontente, que só pode ser percebido por aqueles presentes na interação, a personagem demonstra sua insatisfação com o trabalho do atual síndico. Na linha 2, Edileuza entende o enquadre proposto, mas não recebe essa candidatura de forma positiva e comete um desvio proposital dessa estrutura de discussão de candidaturas inserindo o tópico bagunça ao usar os termos “poleiro” e “zona” (linha 2); para se referir a desorganização do quarto da patroa. A palavra poleiro é utilizada como uma forma indireta e ofensiva de sugerir que Cassandra seja como uma ave que dorme em um local sujo e bagunçado, se compreendermos que o significado do termo é de uma vara em que esses animais, de diferentes espécies, pousam e dormem. Dessa forma, Edileuza insinua chamar a patroa de galinha.

Nas linhas 3, 4 e 5, Cassandra ignora a alteração que a empregada fez em seu turno e retoma o enquadre que propôs inicialmente quanto a discussão sobre os candidatas a eleição. Ao longo desse turno, ela usa seu discurso como instrumento de poder baseando-se na hierarquia enquanto dona da casa e possível síndica. A pista de contextualização “olha aqui” na linha 3, associada ao gesto corporal de apontar o dedo, visto na figura 1, é uma forma na linguagem de chamar a atenção de alguém que, por alguma razão, não se tem o devido respeito. Essa expressão é usada em tom de desagrado quando as partes em interação não se entendem ou não concordam sobre algo ou alguém. Nesse caso, Cassandra faz uso dos termos para dizer o que pensa, considerando que ela, por ser a dona da casa e patroa de Edileuza, acredita ter um lugar privilegiado nessa interação. Ainda nessa linha, Cassandra se refere à empregada como insolente, termo que caracteriza uma pessoa como desrespeitosa em suas ações, e segue seu discurso apontando a incapacidade da doméstica de realizar sua função.

Cassandra se refere a empregada não como indivíduo que trabalha honestamente, mas como uma escrava que deve ser punida por qualquer deslize. Sem mostrar sensibilidade com a sua funcionária, a patroa acredita ter poder sobre a empregada, assim como os senhores de engenho tinham sobre seus escravos na época da escravidão no Brasil. Na linha 4, ao expor que o serviço prestado não tem qualidade, a patroa declara que essas pessoas devem ser levadas ao tronco. O termo usado como forma de fazer uma piada, pode ser entendido por muitas pessoas como uma ofensa e maneira cruel de tratar um ser humano, visto que o tronco era um instrumento de tortura aos escravos.

Segundo Comparato (2009), a comédia é cruel e explosiva, chegando ao ponto de causar um efeito negativo na hora de fazer rir, pois, para esse autor, a comédia não tem limites e nada nela é sagrado, nem Deus. Assim como o autor, entendo essa fala de maneira não cômica, portanto, cabe ao leitor fazer sua reflexão sobre esse turno, uma vez que a comicidade é variável de acordo com as experiências pessoais de cada um. Edileuza mantém o enquadre, mas não se alinha a postura da patroa, respondendo com ironia pelo uso da expressão “meu amor” (linha 6). Embora sejam palavras de carinho e usadas com pessoas que gostamos, as duas mantinham uma relação de grande desafeto, manifestando sempre brigas quando estão interagindo. Em vista disso, todas as palavras que conhecemos e entendemos naturalmente como uma expressão de afeto, se faz de maneira contrária nas falas de Edileuza quando direcionadas a Cassandra em tom irônico.

A candidatura de Edileuza a síndica do prédio é recebida pelo riso sarcástico de Cassandra, assim percebido na figura 2, que zomba da empregada na linha 8 a chamando diretamente de escrava. Sendo assim, o discurso de Cassandra é moldado por uma ideologia preconceituosa de que grupos marginalizados não tem competência para assumir cargos de maior prestígio. Além disso, há um desrespeito para com a figura da escrava Anastácia, símbolo religioso e cultural no Brasil. Nesse sentido, notamos o fator estigma incorporado a classe de empregadas que passam a ser vistas como escravas.

Nas linhas 9, 10 e 11, Edileuza não se deixa abater com as ofensas e rebate explicando como seria o seu projeto de governo à medida que faz uma crítica a Cassandra. Em seu governo, ela promete mandar para a reciclagem todos os objetos sem valor encontrados no prédio. Assim, sugere que Cassandra é um objeto velho e sem importância e que irá transformá-la em um bugre⁶.

⁶ Bugre é um tipo de automóvel de pequeno porte, geralmente usado em dunas, areias, barro etc. Disponível em: <http://fabrica.bugre.ind.br/>. Acesso em: 05 set. 2021.

4.2. Episódio: Vai trabalhar Caco Antúbes⁷ - 1ª temporada

A escolha do próximo trecho foi essencial na composição dessa monografia, pois, a tentativa de causar humor demonstra uma cena de representação não cômica – apesar dos risos da plateia – que desrespeita a história dos escravos mais uma vez. Nesse fragmento, Vavá resolve se aposentar porque não aguenta mais ser o único da família que trabalha, obrigando Caco a ir atrás de uma forma de sustento. No primeiro dia de serviço, Caco volta traumatizado e passa mal, sua família se preocupa e chama uma enfermeira para ajudar. Ao chegar, a enfermeira tenta aplicar uma anestesia, mas Caco não permite e começa a gritar. Ela pensa que Caco não tem jeito e pega nas suas coisas uma arma, alegando que a única saída é sacrificá-lo. Caco então se desespera e diz que faria qualquer outra coisa, assim, a enfermeira propõe fazer uma regressão para descobrir porque ele não gosta de trabalhar.

No excerto a seguir, Caco passará a representar o papel de um escravo e Ribamar representará um senhor de engenho, ou seja, nessa cena eles não são necessariamente as personagens Caco Antúbes e Ribamar

4.2.1. Fragmento 2 – “Eu sou escravo vip”

Caco	1	nhônhô, que que nhônhô Teixeira quer de mim?
Ribamar	2 3	Teu sangue, escravo. Eu quero teu sangue, tu vai gemer sem sentir dor... Amelinha
Caco	4 5 6 7 8 9	a mão do louro tá que é calo só, trabalha trabalha louro, trabalha trabalha louro ((trecho cantado)) Um dia, um dia essas humiação vai acabá. Um dia e Deus há de ouvir minha prece, nós louro vamo nos juntar: eu, Vera Fisher, Leticia Spiller, as Paquitas, Angélica... tudo nós vamo criar um quilombo escandinavo
Ribamar	10	Cala boca, louro
Caco	11 12	Ah, nhônhô, tem piedade, nhônhô. Tô exausto do trabalho, nhônhô, num aguento mais quebrar pedra
Ribamar	13	Vai quebrar pedra agora
Caco	14 15 16	Nhônhô, num posso quebrar pedra comum, eu sou escravo vip, sou filho de mucama europeia e de feitor louro. Eu tô precisando, nhônhô, é de uma parte de senzala com vista pro mar

⁷ Fonte: Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mcSFQibZ8Z8&t=2178s>. Acesso em: 10 ago. 2021.

Ribamar	17 18 19 20 21	Não... Eu estou começando a me afeiçoar a você, lourinho. Talvez eu te dê uma promoção, sabia? Talvez, quem sabe, você passe a ser atriz apresentando esta novela no Japão. Sim, Caco Santos, você tem futuro. Vai conhecer Fidel Castro e fumar no charuto dele... HÁ HÁ HÁ. Trabalha, escravo
Caco	22 23 24	Não, não vou trabaiá. Não vou trabaiá. Eu quero é quebrar pedra chique, quero quebrar Turmalina, Rubi, diamante Rubi. O senhor tá fazendo assédio sexual



Figura 3 – Caco e Ribamar



Figura 4 - Caco

Antes de começar os turnos de fala, a interação se inicia pela música de fundo ao mesmo tempo que Caco dança a esse som, visto na figura 3. A música e os movimentos pressupõem o enquadre terapia na qual ele faz uma regressão a vidas passadas. Pela cena representar uma regressão, Caco e Ribamar interpretam papéis diferentes, como se estivessem em outra vida, assim, Caco representa um escravo e Ribamar o senhor de engenho. A música que toca ao fundo chama-se *Retirantes*⁸, canção que foi tema de abertura da novela *Escrava Isaura*, em 1976. Com isso, a música ficou vinculada a época da escravatura, tanto que no momento em que ela começa, é possível ouvir risos da plateia, que percebe a música como uma pista de contextualização na cena que se inicia.

Na linha 1, e durante todo esse fragmento, Caco faz uso do recurso da alternância de código para imitar a figura do escravo. Essa mudança é percebida não só pela sua forma de falar, mas também pelas expressões faciais que reproduz. Além de mudar o tom de voz, Caco performa a maneira de falar da população escrava, embora esse ato seja apenas uma representação de como ele acredita que os escravos falavam. A palavra “nhônhô” significa senhor, palavra que os escravos usavam para se referir aos seus senhores. Atrelado ao código linguístico, observa-se a mudança da expressão facial para tristeza e sofrimento (cf. figura 4).

⁸ Fonte: Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=llTZm7lwRN8>. Acesso em: 29 ago. 2021.

Ribamar também se apropria da alternância de código ao mudar seu tom de voz e ao aparecer caracterizado de senhor do engenho, tendo como acessório em suas mãos um chicote, objeto comumente utilizado para ferir os escravos. As linhas 2 e 3 exprimem um discurso de poder sobre o outro, além da crueldade de querer machucar uma pessoa.

Caco projeta-se diretamente para a público durante seu turno nas linhas 4 e 5, adequando-se ao *footing* de um trabalhador exausto, mudança que é bem aceita pela plateia que responde com risos. Além da postura corporal, facial e entonação da voz, o *code-switching* é reforçado na linha 6 pela pronúncia das palavras “humilhação” e “acabá” que, de acordo com o Português-Padrão (PP), falamos e escrevemos humilhação e acabar. Essa troca de registro contribui significativamente na construção identitária (GOFFMAN, 1981; HUDSON, 1996) não só dos escravos, mas também de muitas comunidades falantes de língua portuguesa no Brasil. As mudanças de código manifestam as variedades linguísticas que enriquecem nosso país, mas que, por vezes, são tratadas como forma de distanciamento social. Cabe aqui a reflexão subjetiva do leitor sobre as intenções de Caco ao fazer essa alternância de código, ou seja, se esta alternância foi feita como “sinal de solidariedade ou distanciamento social” (KRAMSCH, 1998, p.125).

Caco volta para sua comunicação face a face com Ribamar, que o ignora e o repreende com chicotadas (linha 10). No turno seguinte, Caco se demonstra exausto de tanto trabalhar, mas sem receber nenhuma comoção por parte de seu dono. Os limites quanto ao teor das piadas se tornam ainda mais questionáveis nas linhas 14, 15 e 16, começando quando a personagem de Miguel Falabella declara ser escravo vip. Embora não tivessem existido escravos com essa denominação, podemos inferir que algumas características físicas e sociais interferem a favor ou contra um indivíduo, sendo tais características claramente marcadas e reforçadas pela fala “sou filho de mucama europeia e de feitor louro” (linha 15). Assim, a personagem sugere que merece um tratamento diferenciado, talvez, com mais privilégios.

O discurso apresenta uma ideologia já consolidada na nossa sociedade, na qual pessoas brancas e com certo grau de poder, como um feitor louro, ou com raízes europeias, ainda que uma mucama, possuem privilégios sobre os demais. Essa fala consegue arrancar risos da plateia, sugerindo que parte do público que assiste concorda com a personagem, uma vez que o riso configura uma aceitação positiva de alguma situação. Nesse sentido e retomando os entendimentos de Prata (2014), ao fazer uma piada, o programa “Sai de Baixo” cumpria sua função primária de causar o riso, mas, por consequência, possibilitava novas ideias sobre como as pessoas deveriam pensar.

Explorando ainda mais a intenção por trás da fala “filho de mucama europeia”, é possível marcar mais uma ideologia: a constante e supervalorização de pessoas estrangeiras ao invés de nós mesmos, brasileiros. Isso remete a uma antiga expressão conhecida por “complexo de vira-lata”, cunhada pelo escritor brasileiro Nelson Rodrigues no fim da década de 50, mas que se perdura até os dias atuais. Para o escritor, o brasileiro tende a rebaixar suas características enquanto enaltece e dá poder ao que vem de fora do país:

Por ‘complexo de vira-lata’ entendo eu a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo. O brasileiro é um narciso às avessas, que cospe na própria imagem. Eis a verdade: não encontramos pretextos pessoais ou históricos para a autoestima (RODRIGUES, s/a)

A frase “uma parte de senzala com vista pro mar”, na linha 16, termina ainda sem nenhuma crítica relevante à época infeliz da escravidão, de forma contrária, Caco brinca sobre uma concepção de moradia que jamais existiu e que ele não poderia conhecer por ser branco. A personagem se considerava bonito, culto e dinamarquês. Enquanto que a senzala era um alojamento destinado apenas aos escravos negros, pessoas pobres e sem nenhuma instrução formal, que eram trazidos para o Brasil e não tinham qualquer regalia.

No turno seguinte, Ribamar muda seu comportamento grosseiro e finge alinhar-se ao personagem de Falabella entre as linhas 17 a 21, chegando a colocar uma de suas mãos sobre o ombro de Caco durante essa interação. No entanto, a personagem de Falabella não se alinha a essa mudança de *footing* quando posiciona seu corpo para frente e reproduz expressões faciais que podem ser entendidas como estranheza e surpresa aos comentários de Ribamar. Assim, Caco respeita seu turno de fala chegar para então aumentar seu tom de voz e se mostrar revoltado, como visto na linha 22 durante a fala “Não, não vou trabaiá. Não vou trabaiá”. Aqui, a palavra “trabaiá” retoma a alternância de código que evidencia a variedade linguística do povo escravo e outras comunidades, provocando, novamente, um possível distanciamento social diante dessa diversidade cultural. A intenção por trás da fala da personagem Caco, se positiva ou negativa, fica a critério subjetivo do leitor.

Caco termina seu turno nas linhas 23 e 24 acusando a figura do senhor de engenho de fazer assédio sexual em decorrência ao turno anterior, mas, principalmente, pela expressão “vai conhecer Fidel Castro e fumar no charuto dele” (linha 20). Essa frase toma uma representação de cunho sexual, mas sem qualquer crítica construtiva, visto que o assédio sexual é um assunto que deve ser levado a sério e não demonstra ser um bom

material a ser usado como forma de piada, tampouco em um programa televisivo de rede nacional.

A análise desse fragmento expôs que a construção do humor foi baseada sob o riso katagelan, ou seja, agressivo e zombeteiro, como já apontavam os filósofos gregos e enfatizado por Minois (2003, p.33): “pessoalmente, detesto esses ridículos cuja boca, por não ter sábios pensamentos para expressar, não conhece freio”. Em vista desse exposto, reforço o desejo de criação de programas humorísticos criativos, sem a necessidade de (re)produzir qualquer tipo de material que possa constranger, humilhar, zombar e diminuir um indivíduo ou grupo social.

4.3. Episódio: Tem caroco nesse angu ⁹– 5ª temporada

O fragmento 3 foi selecionado pela representação no que tange a exclusão social de pessoas com nível de escolaridade mais baixo. Nesse episódio, a sala do apartamento é transformada em um restaurante, o *Arouche's Place*. A empregada dessa temporada é Neide Aparecida, interpretada por Márcia Cabrita. No enredo, o angu de Neide começa a fazer muito sucesso, a ponto de pessoas fora do país irem até o restaurante para provar esse prato. Enquanto Caco e Vavá se aproveitam do trabalho da empregada para ter mais lucro, Neide questiona não ser reconhecida por sua culinária e exige mais dinheiro em troca de seus serviços.

4.3.1. Fragmento 3 – “Você é uma assassina da língua pátria”

Neide	1 2 3 4 5	Olha aqui, seu Caco, eu vou avisar uma coisa: se num rolar um dindim extra, vai ter pobrema aqui dentro. Porque eu vou botar um adevogado contra o <i>Arouche's Preice</i> . Porque eu, meu filho, eu posso ser pobre, mas eu tenho coísciência de todos os meus dereito. Tá sabeno?
Vavá	6 7 8	Caco... Caco, tudo bem a... a Neide tá falando errado mas eu acho que ela tem razão. Acho que nós vamos ter que soltar um dinheirinho pra ela
Neide	9	É, mas o pessoal tava entendeno tudo, né?
Caco	10 11 12 13 14	O pessoal adoremos o que você falou. Neide Aparecida, você é uma assassina da língua pátria. Você é um desrespeito, Machado de Assis está () no túmulo. Estou com ódio e além do que você não vai ganhar nada porque não se pode botar dinheiro na mão de pobre, Vavá

⁹ Fonte: Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xbWn2W9BMdw&t=550s>. Acesso em: 01 set. 2021.



Figura 5 – Neide



Figura 6 – Caco



Figura 7 – Caco



Figura 8 – Caco



Figura 9 – Caco



Figura 10 – Caco

Neide inicia a interação propondo um enquadre de chantagem, relacionando o tópico de discussão sobre dinheiro ao contexto situacional. Logo na linha 1, e durante todo seu turno até a linha 5, Neide muda seu *footing* de empregada que apenas obedece a ordens para alinhar-se a alguém de poder que faz chantagens, uma pessoa que se posiciona e conhece seus direitos. A personagem usa a pista de contextualização “olha aqui”, junto ao gesto de apontar o dedo (cf. figura 5) para chamar atenção de seu patrão. Neide continua usando pistas de contextualização, como na frase “eu vou avisar uma coisa”, para dar ênfase ao que realmente irá dizer, o que nos leva a entender que seu discurso é de grande importância e merece atenção. Assim como no fragmento 1, a pista “olha aqui” usada por Cassandra, desempenha a mesma força no discurso da doméstica, uma vez que ela muda seu *footing* e projeta-se como alguém que possui o mesmo nível de poder nessa interação, já que ela sabe que tem algo que interessa os seus patrões.

A partir da linha 2, Neide altera seu tom de voz e até grita, ao passo que estabelece o enquadre de chantagem ao expor o que irá fazer caso não lhe paguem a mais. A comicidade desse turno se encontra nas palavras que a empregada usa: “dindim”, “pobrema”, “adevogado”, “Arouche’s Preice”, “coincidência”, “direito”, “sabeno”. Enquanto ela discursa, Caco utiliza-se de pistas de contextualização não verbais que mostram desaprovação para com a fala de Neide. Essas pistas são representadas pelo movimento inquieto de seu corpo, as mãos tapando os olhos e os ouvidos; imprimindo a ideia de alguém que não quer ouvir e nem enxergar o que está acontecendo nessa interação (cf. figuras 6 a 10). Conseqüentemente, os dois personagens não se alinham.

A plateia se mostra solidária ao posicionamento de Neide, visto que eles a aplaudem no fim de seu turno na linha 5. Porém, as risadas durante sua fala, enfatizadas

pela pronúncia das palavras mencionadas no parágrafo anterior, junto da reação negativa de Caco, podem ser consideradas como uma forma de preconceito linguístico. De acordo com Bagno (2007), o preconceito linguístico é uma forma de preconceito social que discrimina as variantes linguísticas de comunidades de menor prestígio social. Em outras palavras, é todo juízo de valor negativo direcionado a forma de falar de uma pessoa ou grupo.

No turno seguinte, embora Vavá colabore para a manutenção do enquadre de chantagem quando reconhece que Neide tem razão e se mostra a favor de pagá-la (linhas 7 e 8), a personagem de Luís Gustavo afirma para Caco que a empregada fala errado (linha 6). Essa declaração contribui em prol da massa de cultura que entende a norma culta como única e correta forma de falar, ignorando o pluralismo linguístico que existe em nosso país. Mesmo fazendo uma crítica a empregada, Neide usa a fala de Vavá a seu favor, alinhando-se diretamente a plateia durante a linha 9, mudando sutilmente o *footing* de uma pessoa chantagista para o de alguém que busca apoio e compreensão no outro, sendo esse outro, os espectadores.

Se levarmos em consideração a fala de Caco sem conhecer a personagem, ou seja, as características que a constrói identitariamente, poderíamos sugerir que Caco alinhou-se a empregada ao expor um discurso semelhante ao de Neide: “o pessoal adoremos o que você falou” (linha 10). Entretanto, como já foram expostas aqui as características de Caco, compreendemos que ele não se colocaria na mesma posição que Neide, pois entende que ela faz parte de um grupo social marginalizado e que ele despreza. Ademais, a personagem de Falabella se porta como um homem intelectual e que usa somente a norma culta para se comunicar, por isso, a frase “o pessoal adoremos [...]” ganha um peso negativo em tom sarcástico. Para entender a intenção de Caco durante essa primeira oração na linha 10, é importante que se considere o contexto e as marcas identitárias das personagens envolvidas nessa interação. Aqui, reforço a relevância dessa pesquisa dentro do âmbito da Sociolinguística, já que essa abordagem não aceita nenhum tipo de separação entre língua e contexto.

Em seguida, mas ainda no mesmo turno, Caco faz um desvio do enquadre de chantagem ao inserir o tópico língua Portuguesa sob forma de críticas diretas a maneira de falar de Neide. As linhas 10, 11 e 12 manifestam um discurso de ódio que não são exclusivos à empregada, mas a qualquer falante de língua Portuguesa do Brasil que não segue a norma culta. As frases “assassina da língua pátria” e “você é um desrespeito” (linha 10) se desenvolvem a partir de uma concepção ideológica errônea de que a língua

é homogênea e imutável, preconceito que até escritores, gramáticos e a escola acabam por propagar. Caco, então, discursa em nome de uma classe dominante que representa a “intolerância em relação à variação e à mudança” (FIORIN, 2000, p.27).

Segundo Bagno (2006, p.98), “as coisas que acontecem na nossa língua são muito mais sutis e complexas do que as ideias de ‘certo’ e ‘errado’”. Isso significa que as palavras que causaram a comicidade na fala de Neide, contemplam explicações científicas na linguagem. Tais explicações são desconhecidas para Caco e Vavá, já que eles acreditam que a empregada fala errado. A exemplo disso, as palavras “pobrema” e *Preice*¹⁰, “sabeno” e “entendeno” são decorrentes de fenômenos linguísticos na qual chamamos de rotacismo e assimilação, respectivamente. O rotacismo é o processo de troca da letra R pelo L ou vice-versa. Enquanto a assimilação se faz pela junção de dois sons diferentes e os transformando em iguais (BAGNO, 2006). Portanto, é possível alegar que a crítica agressiva de Caco se faz no desconhecimento da realidade de sua própria língua, visto que ele e Vavá só conhecem a forma padrão como correta.

Na linha 12, ainda que uma palavra tenha ficado inaudível, Caco insinua sobre como Machado de Assis está se sentindo no túmulo quanto ao discurso de Neide Aparecida. Sabemos que Machado de Assis é um dos maiores nomes da literatura brasileira e o primeiro presidente da Academia Brasileira de Letras, dono de uma escrita que contempla a formalidade da língua portuguesa. No entanto, Bagno (2006) declara que Machado também escrevia froco ao invés de floco, colaborando para o processo de rotacismo, mencionado anteriormente. Nesta época, Machado tinha a liberdade sobre qual dos termos usaria, mas o termo froco era aceito sem que fosse considerado feio ou errado, fato que a personagem de Falabella não quer saber, pois não é interessante para ele. Ainda na linha 12, Caco retoma o enquadre de chantagem, mas não se alinha as expectativas de Neide ao afirmar que ela não irá ganhar nada (linha 13). Nesse momento, o personagem ignora a empregada ao terminar seu turno virando-se para Vavá e afirmando que pessoas pobres não merecem ganhar dinheiro (linhas 13 e 14).

Sob a justificativa de fazer uma brincadeira e provocar o riso, esse trecho evidencia como a mídia ridiculariza a diversidade linguística, propagando um tipo de conteúdo em programas de TV aberta que ultrapassa as telas e influencia diretamente na vida das pessoas que assistem. Dessa forma, o preconceito linguístico reflete o

¹⁰ Do inglês *place*, que significa lugar.

preconceito social que se encontra camuflado no discurso das pessoas que já internalizaram as informações recebidas da mídia.

4.4. Episódio: Toma que o pai é teu¹¹ - 5ª temporada

A história desse episódio gira em torno de Neide Aparecida e inicia com a empregada se queixando de cansaço e se recusando a trabalhar, fato que não incomoda a Vavá, mas deixa Cassandra furiosa. Caco pede para que a doméstica prepare seu café da manhã, mas ao dizer o que quer comer, Neide se sente enjoada e sai correndo para vomitar. Toda a família estranha o comportamento da empregada e Caco acredita que ela está grávida, afirmação que choca a todos. Após ser chamada para se explicar e negar a declaração de Caco, Neide finalmente admite que está grávida. Em seguida, começa uma discussão para saber quem é o pai de seu filho. A escolha desse fragmento foi motivada não só pela presença, mais uma vez, do preconceito linguístico, como também pela estigmatização das classes mais pobres da sociedade, ato que gera discriminação sobre a classe popular. Sendo assim, excerto importante para reflexão dessa pesquisa.

4.4.1. Fragmento 4 – “Eu tenho horror a pobre”

Neide	1 2 3	É verdade, Ataíde não é pai de meu filho. Este pequeno ser que eu carrego aqui dentro <u>de eu</u> e - ((risos da plateia)) que vai se chamar Creuzislene se for menina...
Caco	4 5 6 7 8 9 10 11	Creuzislene? Pobre devia vir junto com tecla SAP ¹² , nome então é uma desgraça. Coitado do padre que vai batizar filho de pobre pra entender os nom... eles adoram... “é porque o nome é diferente”. A empregada debaixo botou o nome da menina de Tuesley. Eu falei: o que é Tuesley? “eu vi na folhinha”. Adoram um Y, adoram um W e adoram um ‘ene’ e um ‘ane’, são verdadeiras francesinhas: Gislaine, Darliane. Eu tenho horror a pobre!
Vavá	12	Como é que ia se chamar se fosse menino?
Caco	13	Analfabetson

¹¹ Fonte: Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=f97SNrftLUM&t=761s>. Acesso em: 13 set. 2021.

¹² Do inglês: *Second Audio Program (SAP)*, é uma tecla no controle da televisão que permite escolher se o programa será assistido no idioma original ou dublado.



Figura 11 - Caco



Figura 12 - Caco



Figura 13 - Caco

O enquadre de conversa sobre gravidez indica o que está acontecendo, enquadre que não muda durante o fragmento, mas sofre alterações submetidos pelo desvio de tópicos acerca do tema. Logo na linha 1, o enquadre gravidez é moldado por uma discussão do tópico paternidade. Nesse momento, Neide Aparecida deixa de se alinhar como empregada para se posicionar como mãe, abrindo a discussão e gerando polêmica sobre quem é o pai de seu filho. O discurso da empregada costuma ser marcado por seu hábito de usar o português-não-padrão, fato que sempre causa uma reação negativa em outros personagens, como aversão. Assim, os primeiros termos geradores da comicidade desse turno são vistos pelo uso das palavras “de eu” (linha 2), colocação que, de acordo com a gramática normativa de língua portuguesa, está incorreta, sendo necessária a alteração pela forma “de mim”. Ao mesmo tempo, Caco faz uma alternância de código não verbal que deixa transparecer seu incômodo pela fala da empregada ao colocar uma das mãos no ouvido e imprimir uma expressão facial de desaprovação (cf. figura 11).

Quando chega no trecho “carrego aqui dentro de eu e -”, Neide é interrompida pelos risos da plateia, o que a obriga a fazer uma pausa em seu discurso por poucos segundos. Ressalto a necessidade de refletir sobre as diferenças que existem entre a linguagem masculina e a linguagem feminina, caracterizadas por diferenças culturais e sociais (PEREIRA, 2008). A construção ideológica e social a qual fomos criados distinguem os papéis entre homens e mulheres, assim,

[...] os homens podem ter mais contato com as formas de prestígio, dada a sua maior participação na sociedade; as mulheres, por sua vez, podem ficar com o domínio linguístico restrito, pois possuem menos atividades coletivas, uma vez que suas experiências estão mais relacionadas a situações familiares (PEREIRA, 2008, p.39).

Após a pausa forçada, a doméstica segue sua fala mencionando o nome que escolheu caso o bebê seja uma menina (linhas 2 e 3), mas é novamente interrompida, dessa vez, por Caco. A personagem interrompe e toma o turno de Neide, discursando por um tempo maior que o da empregada, que é a peça principal e com direito à fala nessa interação. Caco modifica o enquadre gravidez com o tópico “nomes de pobre” e,

consequentemente, muda seu *footing* de ouvinte para o de narrador da conversa, posicionando-se diretamente para o público.

O nome “Creuzislene” causa repulsa em Caco, que utiliza todo esse turno para atacar a classe pobre por meio de declarações ofensivas, ironias e sarcasmo; reforçando a realidade estigmatizada de grupos marginalizados produzidos em práticas discursivas de caráter cômico e fazendo a manutenção do *status quo*. Durante as linhas 4, 5, e 6, a personagem de Falabella afirma que só pessoas pobres batizam seus filhos com nomes que não são possíveis de entender. Ainda na linha 6, Caco faz um *code-switching* em “é porque o nome é diferente” (cf. figura 12), mudando seu tom de voz, expressão facial e corporal, explicitando de forma irônica como essa classe se apresenta. A personagem faz um outro *code-switching* também em tom irônico na linha 8 “eu vi na folhinha” ao fazer referência ao nome Tuesley (cf. figura 13). Nesse contexto, folhinha quer dizer calendário e Tuesley indica o dia da semana *Tuesday*, que em português significa terça-feira.

A linha 11 marca um dos maiores bordões do programa “Sai de Baixo”, a frase “eu tenho horror a pobre” era usada por Caco, geralmente, após um longo discurso no qual ele demonstra claramente o seu desprezo perante a classe pobre. A expressão foi utilizada diversas vezes durante todas as temporadas do programa, sempre em tom grosseiro e pejorativo. Apesar disso, a fala era sempre recebida por gargalhadas e ganhava força fora das telas e do palco. A expressão caiu no gosto do público e passou a fazer parte do discurso cotidiano, seja como forma de piada ou como forma de ofensa, pois a prática da repetição em massa leva uma sociedade a internalizar certos conteúdos e tratá-los como algo natural. Todo discurso carrega uma ideologia (FAIRCLOUGH, 2001), o poder dessa prática faz com que a sociedade propague ideias e valores preconceituosos sem nem mesmo refletir o que está sendo dito. Até os dias atuais, após quase 20 anos do término do programa, encontramos muitos memes¹³ que ainda propagam esse bordão, embora a sociedade do século 21 demonstre um maior posicionamento contra diversos tipos de preconceito, inclusive o de classes.

Na linha 12, Vavá ratifica o *footing* de Caco e o tópico proposto “nomes de pobre”, ao mostrar interesse em saber qual seria o nome do bebê caso seja menino. O personagem prontamente responde “Analfabetson” (linha 13) e valida sua piada diante do riso imediato de toda plateia. A fala aparentemente cômica para o público, se dá pela junção

¹³ *Meme*: qualquer informação, seja em vídeo, imagem ou texto, copiado e compartilhado rapidamente através da *internet* e em tom satírico. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/meme>. Acesso em: 17 set. 2021.

de vocábulos que Caco faz, misturando as palavras analfabeto com um nome próprio semelhante. A reflexão que proponho a esse trecho é a constante apelação de piadas que levam os indivíduos pobres ao descrédito, ridicularizando as pessoas que não tiveram acesso a instrução formal.

O fragmento analisado corrobora para a manutenção do estigma da pobreza construído pela mídia e pelas relações de poder estabelecidas no discurso ideológico de que a classe baixa é indesejada. De acordo com Goffman (2004), as características que conferem a um indivíduo ou grupo um estigma é cruel pois, nesse processo, os estigmatizados passam a se reconhecer dentro das marcas sociais a que foram impostos. O entretenimento proposto pelo fragmento 4 cumpre seu papel cômico, considerando a reação positiva e risível da plateia que encara o show de forma ingênua e não vinculada a qualquer ideologia.

No próximo e último capítulo, encerro esse trabalho de monografia com as considerações finais.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A reflexão crítica que propus nessa pesquisa é fruto da minha própria experiência como espectadora e apreciadora de programas de comédia, em especial, a atração “Sai de Baixo”. Parte do conteúdo das piadas que me fizeram rir por tantos anos se transformou em questionamento sobre as formas que causavam o humor e, conseqüentemente, o riso. Através do discurso, a pesquisa analisou diversos tipos de preconceito social utilizados como material para fins humorísticos e de maneira satírica. Vale ressaltar que o trabalho não teve a intenção de desqualificar o programa, mas sim tecer entendimentos quanto a uma prática discursiva que merece espaço como estudo acadêmico.

Para uma composição completa e detalhada desse trabalho, foi necessário construir a fundamentação teórica à luz dos princípios da Linguística Aplicada (LA), abordagem que norteou toda a monografia no processo de reflexão a respeito da linguagem que opera no meio social. Em sequência, as noções de discurso e ideologia, humor e da Sociolinguística Interacional (SI) serviram como instrumento teórico de análise. Além disso, a SI contribuiu para uma análise micro do contexto das interações face a face debruçando-se sobre os conceitos de alternância de código (*code-switching*) (HUDSON, 1996; GOFFMAN, 2013; KRAMSCH, 1998), enquadre (*framing*), alinhamento e *footing*. (GOFFMAN, 2013)

Os dados foram gerados a partir de fragmentos de 4 trechos de episódios do programa de comédia “Sai de Baixo”, no intuito de explorar e evidenciar as marcas do preconceito linguístico e social mascarado por uma linguagem considerada cômica. Foi observado que, além da intenção e função principal de provocar o riso, o discurso usado pelo programa, bem como da mídia em geral, também carregava ideologias e estereótipos. Um conjunto de ideias e regras construídos pelas classes dominantes da sociedade e usadas como piadas de teor ofensivo.

Compreendo a necessidade do ser humano de ir em busca de práticas que façam rir e tornem as dificuldades da vida mais leves. Entretanto, as análises mostraram que diversos programas de humor cooperam para a manutenção e propagação dos problemas sociais que envolvem ideologias preconceituosas e, por esse motivo, sua linguagem requer uma revisão e reestruturação de conteúdo. Para o meio acadêmico, as piadas constituem um material rico para análises que visam explorar uma prática discursiva que enxerga além do que foi escrito ou dito. Através dessa tomada de consciência, que resulta em objeto de pesquisa, os indivíduos são capazes de filtrar as informações que recebem

do meio externo e assim problematizar sobre as mais variadas formas de discriminação que possam encontrar.

Por fim, toda pesquisa acadêmica é também uma forma de fazer política, sendo assim, o trabalho exposto manifesta o desejo da criação de novas ferramentas que façam uso da linguagem de maneira inteligente, pois quando interferimos na linguagem estamos interferindo também no mundo. Em direção oposta a qualquer tipo de preconceito, o humor tem potencial para fazer rir, ao mesmo tempo que desconstrói estigmas e valoriza as identidades culturais que (trans)formam nosso país.

REFERÊNCIAS

BAGNO, M. **Preconceito linguístico: O que é, como se faz**. 49. ed. São Paulo: Loyola, 2007.

_____. **A norma oculta: língua e poder na sociedade brasileira**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

_____. **A língua de Eulália: Novela Sociolinguística**. 15. Ed.- São Paulo: Contexto, 2006.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem**. Tradução de Marina Yaguello. São Paulo: Editora Hucitec, 1995.

BARROS, Pollyanna Lima de; CAMARGO, Katia Aily Franco de. **Linguística Aplicada: uma ciência pós-moderna**. Odisseia, Natal, RN, n. 09, p. 53-58, jul.-dez. 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/odisseia/article/view/10835/7643>>. Acesso em: 27 mar. 2021.

BASTOS, Clarissa Rollin Pinheiro; STALLONE, Leticia Rezende. **A co-construção do humor conversacional para encobrir diferentes objetivos interacionais**. Calidoscópio. Vol. 9, n. 2, p. 159-168, 2011. Disponível: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/cld.2011.92.08/421>>. Acesso em: 25 mar. 2021.

BERGSON, H. **O Riso Ensaio Sobre a significação do Cômico**. Rio de Janeiro: Zahar Editores S.A., 1983.

BIAZI, T. M. D.; DIAS, L. C. F. **O que é linguística aplicada**. Anais da Universidade em foco: o caminho das humanidades. UNICENTRO, ago, 2007.

BOFF, L. **Textos de Leonardo Boff sobre cultura**. 28 mar. 2016. Disponível em: ><https://leonardoboff.org/2016/03/28/textos-de-leonardo-boff-sobre-cultura/><. Acesso em: 08 fev. 2021, 8:47.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. A Sociolinguística Interacional. In: _____. **Manual de Sociolinguística**. São Paulo: Editora Contexto, p. 145-156, 2014.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer**. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

COMPARATO, Doc. **Da criação ao roteiro: teoria e prática**. São Paulo: Sumus, 2009.

DENZIN, N. K; LINCOLN, Y. S. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: _____. (Orgs.). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, p. 15-41, 2006.

- FACIN, Débora; SPESSATTO, Marizete Bortolanza. **O preconceito linguístico em textos de humor: uma piada sem graça**. Roteiro, Joaçatuba, v. 32, n. 2, p. 245-264. 2007. Disponível: <<https://portalperiodicos.unoesc.edu.br/roteiro/article/download/350/98/>>. Acesso em: 22 mar. 2021.
- FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Coord. de tradução, revisão e prefácio: I. Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.
- FIORIN, José Luiz. Os Aldrovandos Cantagalos e o preconceito linguístico. In: LOPES DA SILVA, F.L; MOURA, H.M. M. (org.) **O Direito à Fala**: a questão do preconceito linguístico. Florianópolis: Ed. Insular, p. 23-37, 2000.
- GOFFMAN, Erving. A situação negligenciada. In: RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro M. **Sociolinguística Interacional**. p. 13-20. 2ª ed. São Paulo. Loyola. 2013.
- GOFFMAN, Erving. Footing. In: RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro M. **Sociolinguística Interacional**. 2ª ed. São Paulo. Loyola, p. 107-148, 2013.
- GOFFMAN, Erving. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4. ed. São Paulo: Editora LTC, 2004.
- GOFFMAN, Erving. **Forms of talk**. Pennsylvania: University of Pennsylvania Press, 1981.
- GUMPERZ, J. J. 11 Interactional Sociolinguistics: A Personal Perspective. In: TANNEN, D.; HAMILTON, H. E.; SCHIFFRIN, D. **The handbook of discourse analysis**. Reino Unido: Wiley Blackwell, 2015.
- HUDSON, Richard A. **Sociolinguistics**. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.
- KOGUT, Patrícia. Claudia Jimenez desiste de participar do filme do 'Sai de baixo'. **O Globo**, 09 mai. 2018. Notícia. Disponível em: <<https://kogut.oglobo.globo.com/noticias-da-tv/noticia/2018/05/claudia-jimenez-desiste-de-participar-do-filme-do-sai-de-baixo-achei-que-tinha-virado-pagina-mas-nao-superei.html>>. Acesso em: 21 mar. 2021, 09:31.
- KRAMSCH, Claire. **Language and culture**. New York: Oxford University Press, 1998.
- LABOV, William. Sociolinguística: uma entrevista com William Labov. **ReVel**, vol. 5, n. 9, agosto de 2007. Disponível: <http://www.revel.inf.br/files/entrevistas/revel_9_entrevista_labov.pdf> Acesso em: 27 fev. 2021.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- MINOIS, G. **História do riso e do escárnio**. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

MOITA LOPES, L. P. Uma linguística aplicada mestiça e ideológica: interrogando o campo como linguista aplicado. In: MOITA LOPES, Luiz P. (org.) **Por uma Linguística Aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, p. 13-42, 2006.

NASCIMENTO, Débora. O discurso humorístico é também ideológico. **Continente**, 01 dez. 2014. Arquivo. Disponível em: ><https://revistacontinente.com.br/secoes/arquivo/-o-discurso-humoristico-e-tambem-ideologico-><. Acesso em: 20 mar. 2021, 19:11.

NETO, Gilberto Broilo. **Code-switching e footing para a construção de humor: estudo de caso da sitcom “Friends”**. Dissertação. (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Cultura e Regionalidade, Universidade de Caxias do Sul. Caxias de Sul, p. 164, 2017.

OLIVEIRA, Jair Antônio. **Comunicação e educação: uma perspectiva pragmática**. 2006. Disponível em: ><http://www.bocc.ubi.pt/pag/oliveira-jair-comunicacao-educacao.pdf>< Acesso em: 09 fev. 2021.

PEREIRA, Joseane Serra Lazarini. **(Des)enquadres interativos nos quadrinhos de Dik Browne e Zappa: Um estudo sobre os (des)alinhamentos de Helga e Jandira**. Vitória, 2008. 97p. Dissertação (Mestrado em estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal do Espírito Santo.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. **Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

REZENDE, Patrick. Pragmática, humor, e perspectivas linguísticas: uma entrevista com Penha Lins. Revista **PERcursos Linguísticos**, n. 9, v. 4. 2014. Disponível: <<http://www.periodicos.ufes.br/percursos/article/download/8847/6250>>. Acesso em: 9 maio 2021.

RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro M. **Sociolinguística Interacional**. 2ª ed. São Paulo. Loyola, 2013.

SAUSSURE, F. de. **Course in general linguistics**. Trad. W. Baskin. Nova York: McGraw Hill, 1959. (Curso de linguística geral. Trad. A. Chelini, J. P. Paes e I. Blikstein. Sao Paulo: Cultrix, 1987)

SOUSA, Jorge Pedro. **Elementos de teoria e de pesquisa da comunicação e da mídia**. Florianópolis, Brasil: Letras Contemporâneas, 2004.

SOUZA, Paulo José de. **Humor, estereótipos e preconceitos no programa Sai de Baixo, da TV Globo**. São Paulo, 2020. 143p. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa de pós-graduação em comunicação e cultura midiática, Universidade Paulista.

SOUZA, Paulo José de; GRECO, Clarice. Risos e provocações no programa Sai de Baixo da TV Globo. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 41, 2018. Joinville. **Anais...** Joinville: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2018. p. 1-15. Disponível em:

<<https://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-2091-1.pdf>>. Acesso em: 14 abr. 2021.